

Arquitetura da Informação: práticas informacionais dos bibliotecários

Information Architecture: informational practices of librarians

Dayanne da Silva Prudêncio  

Thairine Abreu Soares  

Resumo

Este trabalho objetiva identificar e apresentar as práticas desenvolvidas por bibliotecários de formação que atuam na área da Arquitetura da Informação, assim como as trilhas de aprendizagem e a qualificação fornecida na graduação em Biblioteconomia para atuação neste nicho de mercado. A metodologia utilizada foi a de pesquisa bibliográfica e pesquisa de campo, caracterizando-se como uma pesquisa exploratória e descritiva quanto aos fins. Utiliza-se de questionários para coleta de dados, aplicados a profissionais correspondentes ao perfil de pesquisa. Diante dos resultados e discussões, verifica-se que as habilidades e competências dos bibliotecários e arquitetos da informação são equivalentes quanto à atuação nos ambientes digitais, como também a importância das relações interpessoais e compartilhamento de práticas e saberes dentro da comunidade de atuação. Conclui-se que são necessários cursos complementares e educação continuada para que o bibliotecário atue neste nicho de mercado, da mesma forma levanta-se a reflexão acerca do currículo dos cursos de Biblioteconomia diante das demandas atuais do mercado.

Palavras-chave: arquitetura da informação; práticas informacionais; atuação do bibliotecário.

Abstract

This work aims to identify and present the practices developed by training librarians who work in the field of Information Architecture, as well as the learning paths and the qualification provided in the graduation in Library Science to work in this market niche. The methodology used was that of bibliographical research and field research, characterized as an exploratory and descriptive research in terms of its purposes. Questionnaires are used for data collection, applied to professionals corresponding to the research profile. Based on the results and discussions, it appears that the skills and competences of librarians and information architects are equivalent in terms of their performance in digital environments, as well as the importance of interpersonal relationships and sharing of practices and knowledge within the community of action. It is concluded that complementary courses and continuing education are necessary for the librarian to act in this market niche, in the same way, the reflection on the curriculum of Librarianship courses is raised in view of the current market demands.

Keywords: information architecture; informational practices; librarian practice.



folha de rosto

Revista de Biblioteconomia e Ciência da Informação

Juazeiro do Norte, v. 8, n. 1, p. 327-357, jan./abr. 2022. ISSN 2447-0120. DOI [10.46902/2022n1p327-357](https://doi.org/10.46902/2022n1p327-357).

1 Introdução

Nos últimos 20 anos, em decorrência de modificações nos fluxos, no uso, no armazenamento e na disponibilização da informação nos sistemas de informação (SI) apoiados em infraestruturas tecnológicas ocorreram alterações significativas nas práticas e espaços de atuação do profissional da informação.

Especialmente sobre a atuação do bibliotecário, Valentim (2000) divide as possibilidades de atuação no mercado de trabalho em três grupos principais: o mercado tradicional, mercado informacional existente, mas não ocupado e o mercado informacional, tendências. Nesta linha, a pesquisa em tela compreende que a área tecnologia como uma representação de um mercado existente, porém ainda pouco ocupado pelos bibliotecários.

Estudos como o de Côte (2000); Espantoso (2000), Camargo; Vidotti (2011), Semeler (2017); entre outros apontam o bibliotecário como um profissional apto a atuar na área da tecnologia, mais precisamente nas atividades relacionadas à Arquitetura da Informação. Contudo, a pesquisa bibliográfica sobre o tema desenvolvida para suportar teoricamente nosso estudo revelou uma baixa quantidade de produção científica sobre as práticas desenvolvidas pelos bibliotecários atuantes no setor.

É a partir desta perspectiva norteadora, que a pesquisa em tela se desenvolve, apresentando as práticas informacionais desenvolvidas pelos bibliotecários brasileiros que atuam na área de Arquitetura da Informação.

Antes de avançarmos é necessário compreender o que assumimos na pesquisa em tela como Arquitetura da Informação (AI)¹. Neste sentido, acionamos os estudos de Morville e Rosenfeld (2007 *apud* SANTOS; SILVA, 2013, p. 5) que a concebe como “[...] a arte e a ciência de organizar, estruturar e categorizar a informação para torná-la mais fácil de encontrar e controlar”.

Desta maneira, se por um lado parece haver uma clara relação entre as disposições e aplicabilidade de conhecimentos e competências dos bibliotecários ao campo da AI, por outro, é importante anunciar aos profissionais interessados na área, efetivamente quais as práticas realizadas e como os profissionais atuantes buscaram desenvolver as qualificações necessárias a uma atuação eficiente.

¹ Seguiremos utilizando a sigla AI quando nos referirmos a área, ou seja, Arquitetura da Informação

Abalizado no exposto, essa pesquisa tem como objetivo central, apresentar e discutir as práticas informacionais dos bibliotecários atuantes na área de arquitetos da informação.

Subsequente, delineou-se os seguintes objetivos específicos: a) apresentar as trilhas de aprendizagem e desenvolvimento profissional que os bibliotecários atuantes como arquiteto da informação desenvolveram; b) examinar se os bibliotecários atuantes como arquitetos da informação consideram que a graduação em Biblioteconomia os qualificou suficientemente para o exercício da função.

Desta forma, em alguma medida, nosso trabalho propõe-se a contribuir o fomento da produção científica já existente e principalmente apresentar as dicotomias entre a literatura examinada e ensinada em escolas formais de Biblioteconomia e as práticas de trabalho, que em algum nível são informacionais, desenvolvidas no mundo do trabalho.

Nossa opção pelo termo práticas informacionais dar-se em função da dimensão coletiva revelada nas ações informacionais materializadas em práticas de trabalho desenvolvidas pelos bibliotecários no campo da AI. Posto isso, iremos apresentar como certas práticas e contextos sociais tipificam socialmente uma profissão, revelam ou não, seu reconhecimento, pertencimento e influência em sua trajetória. Portanto, em nossa leitura, coadunando com a compreensão de Rocha e Gandra (2018, p. 588) acerca da denotação de práticas informacionais “Ao investigar as práticas informacionais, busca-se compreender o significado que as ações dos usuários têm para eles mesmos e, também, desvelar a dimensão cultural e coletiva por trás de cada uma dessas ações.”

Deste modo, verifica-se um imbricamento entre os processos da AI e práticas de trabalho socialmente tipificadas e aplicáveis ao bibliotecário tais como a organização, empacotamento e gestão da informação, visando torná-la acessível ao usuário, bem como que este tenha a melhor experiência de uso.

2 Metodologia

A pesquisa em tela utiliza-se de pesquisa bibliográfica para desenvolvimento de seus aportes teóricos e pesquisa de campo para coletar dados referentes à atuação do bibliotecário como arquiteto da informação. Quanto aos fins, caracteriza-se como uma pesquisa exploratória e descritiva.

A pesquisa bibliográfica foi realizada na Base de Dados de Periódicos em Ciência da Informação (BRAPCI) e na Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD) com o recorte temporal de 1972-2021 com delimitação de idiomas em português e inglês. No Quadro 1 são apresentados os quatro descritores utilizados na busca a saber: <"Arquitetura da Informação">, <"Prática Informacional">, <"Atuação profissional"> e <"Arquiteto da Informação">.

Quadro 1 - Descritores utilizados nas estratégias de busca

	Descritor 1	Descritor 2	Descritor 3	Descritor 4
Descritor em português	Arquitetura da Informação	Prática Informacional	Atuação Profissional	Arquiteto da Informação
Descritor em inglês	Information Architecture	Informational Practice	Professional Performance	Information Architect

Fonte: Dados da pesquisa (2021).

Por conseguinte, à definição dos descritores e das bases a serem utilizadas, foi realizada a busca e recuperados artigos de acordo com os delimitadores estabelecidos, sendo recuperado um total de 423 artigos, conforme representado no Quadro 2.

Tabela 1 – Bases consultadas

Base	Quantidade recuperada	Campo pesquisado
BDTD	92	Título, palavras-chave
BRAPCI	331	Título, palavras-chave
TOTAL	423	Título, palavras-chave

Fonte: Dados da pesquisa (2021).

Após o levantamento inicial dos textos com base nos critérios de busca, aplicamos a técnica de análise de assunto segundo Naves (2001, p. 192) e então partimos para um estudo pormenorizado dos resumos e então foram descartados os artigos cuja essência não se relacionava com o objetivo principal do trabalho, isto é, as práticas informacionais desenvolvidas por bibliotecários no âmbito da Arquitetura da Informação. Ao fim e a cabo, restaram 27 artigos pertinentes com o tema de pesquisa.

Já a pesquisa de campo utilizou como instrumento um questionário semiestruturado. O método foi selecionado em virtude da crise sanitária que impôs o distanciamento social e devido a possibilidade de maior alcance ao público-alvo.

A coleta de dados ocorreu em duas etapas. A primeira foi um mapeamento dos bibliotecários atuantes na área de Arquitetura da Informação. Nesta etapa, desenvolveu-se um questionário com 4 perguntas, sendo duas abertas e duas fechadas, que abordavam nome, e-mail e campo de atuação, assim como a descrição do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. O instrumento foi divulgado por meios de postagens em redes sociais², obtendo-se 55 respostas.

Já a segunda etapa constitui-se da aplicação de um questionário, desenvolvido no *Google Forms*, com 16 perguntas ao total, sendo 10 perguntas objetivas e 6 perguntas discursivas (APÊNDICE). As perguntas objetivas nos permitiram contextualizar o espaço de ação dos respondentes, traçando seus perfis, níveis de escolaridade, cursos de formação continuada entre outros aspectos relacionados à prática profissional, como por exemplo, os processos de aprendizado dos participantes, as práticas realizadas no cotidiano do ambiente de trabalho e a aplicabilidade do conhecimento acumulado. Por sua vez, as perguntas abertas permitiram que os respondentes colaborassem com sua experiência profissional e conhecimento sobre o tema, nos permitindo explorar o desconhecido.

O *link* do questionário foi enviado, via *e-mail*, a uma população teste composta por 5 participantes, entre os dias 08/07/2021 ao dia 15/07/2021. A taxa de retorno foi de 80%. Cumpre informar que nenhum dos participantes deste teste sugeriu quaisquer modificações sobre o teste aplicado. Desta forma, entre os dias 20/07/2021 e 05/08/2021, procedeu-se a aplicação final e obteve-se um retorno de 40%, ou seja, 22 participantes.

3 Interlocuções da Biblioteconomia com a Arquitetura da Informação

O termo Arquitetura da Informação (AI) foi popularizado por Wurman em 1976 (SILVA; PINHO NETO; DIAS, 2013; ROSENFELD; MORVILLE; ARANGO, 2015) em

² Divulgação na página pessoal da autora no LinkedIn e nos grupos do Facebook: "Agitando a Unibib", "Catalogação e Metadados", "Unirio", "Biblioteconomia Brasil", "Bibliotecários do Brasil", "Biblioteconomia RJ" e "Arquitetura de Informação".

uma conferência chamada *National Conference of the American Institute of Architects (AIA)* (CAMARGO; VIDOTTI, 2011, p. 347).

De acordo com Rosenfeld, Morville e Arango (2015, p. 11) o termo foi desenvolvido para defender e aplicar o uso do *design* para lidar com o excesso de informação em qualquer ambiente. Contudo, é na década de 1990 com as aplicações no ambiente *web* que o conceito se desenvolve (SILVA; PINHO NETO; DIAS, 2013, p. 289).

Embora significativa parte da literatura reconheça a origem da AI segundo os postulados de Wurman, há autores como Zilse (2003 apud SILVA; PINHO NETO; DIAS, 2013) e outros que defendem a origem da AI na Ciência da Informação (CI) com Paul Otlet. Para esses autores é a CI que oferece as bases para a AI se desenvolver, ainda que o termo não fosse cunhado na época.

Mas afinal o que é AI? De acordo com Rosenfeld, Morville e Arango (2015, p. 22, tradução nossa), “a arquitetura da informação é focada em tornar as informações encontráveis e compreensíveis”, sendo, portanto, necessária no ambiente digital onde a quantidade abundante de informação apresenta dificuldades ao usuário na localização do objeto desejado em sua busca. A AI ainda é uma disciplina em consolidação e interdisciplinar, relacionada com outras disciplinas, campos e áreas de formação tais como Biblioteconomia, *Design*, usabilidade, interação humano-computador (IHC), computação, entre outras (CAMARGO; VIDOTTI, 2011).

Na literatura não há consenso sobre uma definição que seja única, Rosenfeld, Morville e Arango definem a AI como:

O desenho estrutural dos ambientes de informação compartilhada. A síntese de sistemas de organização, rotulagem, pesquisa e navegação dentro de ecossistemas digitais, físicos e transversais. A arte e a ciência de moldar produtos de informação e experiências para apoiar a usabilidade, a encontrabilidade e a compreensão. Uma disciplina emergente e comunidade de práticas focadas em trazer princípios de design e arquitetura para o ambiente digital (ROSENFELD; MORVILLE; ARANGO, 2015, p. 24, tradução nossa).

Por sua vez, Camargo e Vidotti (2011, p. 737) definem a AI como:

[...] uma área do conhecimento que oferece uma base teórica para tratar aspectos informacionais, estruturais, navegacionais, funcionais e visuais

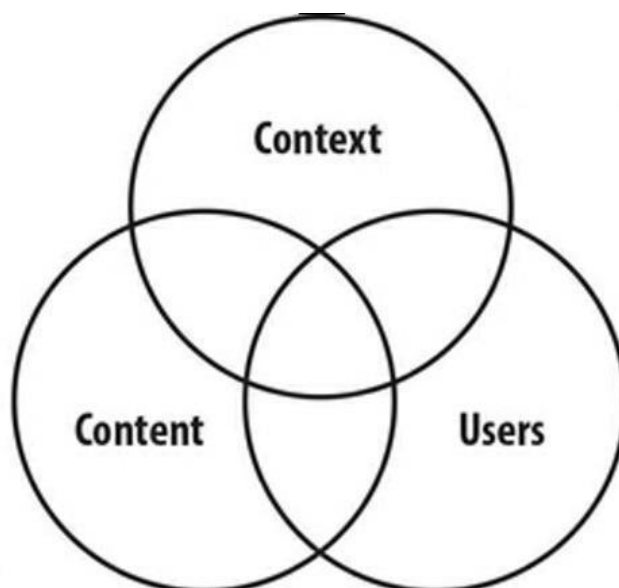
de ambientes informacionais digitais por meio de um conjunto de procedimentos metodológicos a fim de auxiliar no desenvolvimento e no aumento da usabilidade de tais ambientes e de seus conteúdos.

Trata-se de uma prática e processo abstrato que existe abaixo da superfície dos ambientes digitais (ROSENFELD; MORVILLE; ARANGO, 2015). É mais facilmente notada quando está ausente, quando o usuário não encontra o que deseja, ou tem uma experiência ruim ao utilizar um site ou aplicativo. “Não há objetivo mais importante para a arquitetura da informação do que satisfazer as necessidades das pessoas” (ROSENFELD; MORVILLE; ARANGO, 2015, p. 39).

A importância auferida na compreensão das necessidades informacionais está intimamente relacionada às práticas de AI. Nesta linha, várias abordagens podem ser acionadas, tais como: Estudos de Uso e Usuários de Informação, Práticas Informacionais, Organização do Conhecimento, Gestão da Informação entre outras. Em nossa pesquisa, vamos nos ater à da Gestão da Informação a partir do modelo de Ecologia da Informação.

O modelo de Ecologia da Informação, composto pelo contexto, usuário e conteúdo, ilustra a interdependência complexa dos ambientes informacionais (ROSENFELD; MORVILLE; ARANGO, 2015, p. 38). Para realizar uma adequada arquitetura de um ambiente digital é preciso considerar esses três elementos que são a base da Arquitetura da Informação.

Nesta linha o contexto é a missão, estratégia e objetivos da organização ou do negócio; usuário se trata das pessoas que utilizarão o *site* ou aplicativo; conteúdo é material que compõe o *site* ou aplicativo, são os documentos, serviços, metadados etc. (ROSENFELD; MORVILLE; ARANGO, 2015, p. 34-38).

Figura 1 - Ecologia da informação

Fonte: Rosenfeld, Morville e Arango (2015, p. 32).

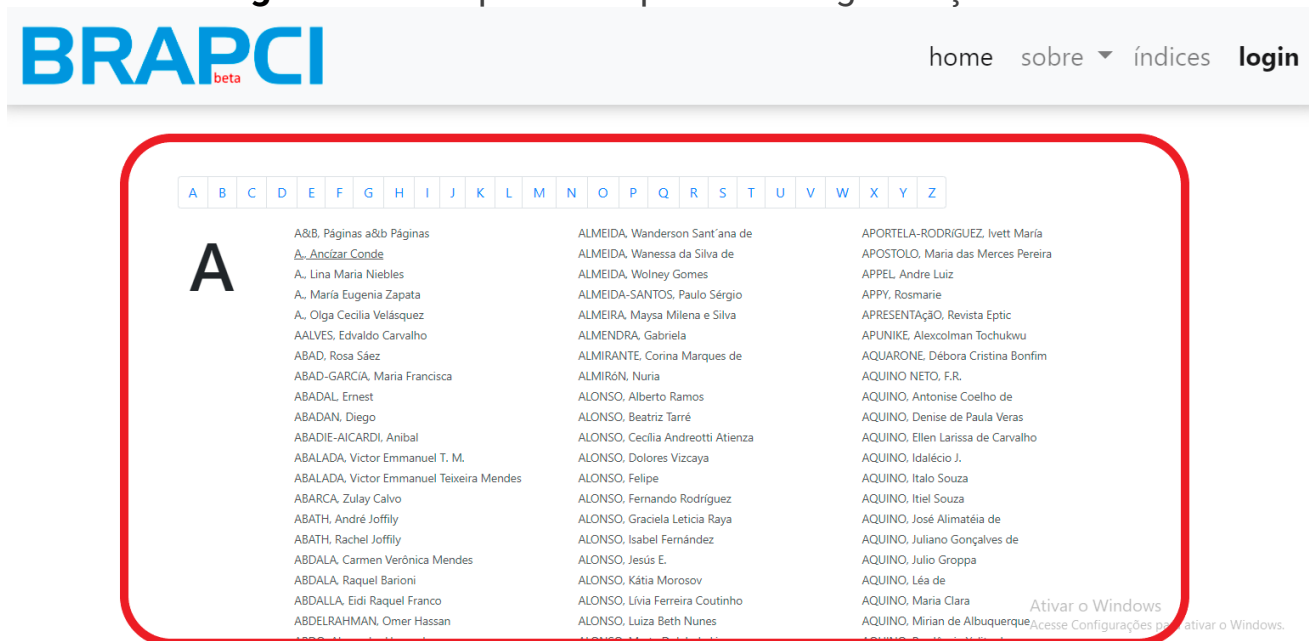
Segundo Rosenfeld, Morville e Arango (2015), é no bojo desses três elementos que os quatro sistemas da AI, isto é, sistema de organização, sistema de rotulagem, sistema de navegação e sistema de busca, se aplicam. A seguir abordaremos cada um.

3.1 Os sistemas de AI

O sistema de organização é um modelo de categorização de conteúdo informacional, para uma posterior recuperação deste conteúdo (SILVA; PINHO NETO; DIAS, 2013, p. 291). Para isto é necessário organizar espaços a partir de métodos e esquemas organizacionais, para que seja compreensível e factível a recuperação dos conteúdos desejados.

De acordo com Rosenfeld, Morville e Arango (2015, p. 103-108), os sistemas de organização são compostos por esquemas de organização e estruturas de organização. Os esquemas de organização se definem pelas características compartilhadas dos itens de conteúdo e influenciam no agrupamento lógico desses itens. Estes são ainda divididos em esquemas de organização exatos e ambíguos, o primeiro possui seções bem divididas e exclusivas exigindo que o usuário saiba exatamente pelo que procura, como por exemplo esquemas alfabéticos, onde será necessário saber o nome pelo qual se busca.

Figura 2 - Exemplo de esquema de organização exato



Fonte: Base de Dados em Ciência da Informação (BRAPCI, 2021)

Os esquemas de organização ambíguos categorizam as informações a partir da subjetividade humana. Portanto, é o esquema adequado para aqueles que não sabem exatamente pelo que se busca.

Figura 3 - Exemplo de esquema de organização ambíguo



Fonte: Site Americanas.com (2021).

Por sua vez, as estruturas de organização se definem pelos tipos de relação entre os itens de conteúdo e grupos. As principais estruturas utilizadas são hierarquia, hipertexto e modelos orientados para banco de dados (ROSENFELD; MORVILLE; ARANGO, 2015, p. 116).

O segundo sistema é o de Rotulagem. Para Rosenfeld, Morville e Arango (2015, p. 133, tradução nossa), “[...] rotulagem é uma forma de representação”. Há dois formatos de rotulagem regularmente encontrados nos ambientes digitais, o textual e o imagético, sendo este segundo representado por ícones. A rotulagem de ícones é utilizada em substituição aos textos. Sites adaptados para telas de celular costumam lançar mão dos ícones em sua representação. Contudo, é necessário que estes sejam facilmente reconhecidos para não comprometer a usabilidade, como por exemplo o uso do ícone de coração para representar a opção de itens favoritos ou o ícone de carrinho ou de uma cesta para representar a opção do carrinho de compras.

Figura 4 - Exemplo de rotulagem com ícones



Fonte: Site Americanas.com (2021).

Entre as rotulagens textuais mais comuns, de acordo com Rosenfeld, Morville e Arango (2015, p. 140), estão *hyperlinks*, títulos, rotulagens dentro do sistema de navegação e termos de índice. Os *hyperlinks* ou *links* de hipertextos são introduzidos de forma natural no corpo de um texto e são facilmente criados. Os títulos são usados para estabelecer uma hierarquia dentro de um conteúdo, assim como diferenciar categorias e subcategorias.

Figura 5 - Exemplo de rotulagem textual



Fonte: Site G1(2021).

Cumprir informar que as rotulagens ao se relacionarem com os sistemas de navegação demandam consistência nas páginas. Ou seja, mantendo-se o padrão de rotulagem em todas as páginas do *site* e o senso de familiaridade do usuário na experiência de navegação.

As estruturas de índice utilizam-se de palavras-chaves, vocabulários controlados³ e tesauros⁴ para a descrição de diversos tipos de conteúdo em um *site*. Facilitando assim, a indexação pelo mecanismo de busca na *web* e recuperação de uma página que contém o termo buscado, por exemplo.

Rosenfeld, Morville e Arango (2015, p. 154) destacam que no sistema de rotulagem verifica-se a potencialidade da adequada compreensão acerca da Ecologia da Informação (contexto, usuário e conteúdo), citada anteriormente. Os autores aprofundam a rotulagem como um dos aspectos mais difíceis da AI devido à sua propensão à ambiguidade.

³ Lista pré-estabelecida de termos que o indexador ou catalogador devem selecionar quando fazem o registro bibliográfico (REITZ, 2004 apud NORTE, 2010).

⁴ Lista de termos em que se indica sua classificação de acordo com as ideias que representam. Esse tipo de lista só pode ser compilado por meio de indexação de conceitos, podendo constituir-se na primeira etapa do desenvolvimento de uma linguagem de indexação completamente artificial. Lista de termos em que cada um é registrado como um conjunto de Termos Relacionados, Termos Genéricos, Termos Específicos (DICIONÁRIO BRASILEIRO DE TERMINOLOGIA ARQUIVÍSTICA, 2005 apud NORTE, 2010).

Embora a organização adequada diminua as chances do usuário se perder no ambiente informacional, são as ferramentas do sistema de navegação que fornecem ao usuário caminhos claros para explorar o ambiente (ROSENFELD; MORVILLE; ARANGO, 2015).

O sistema de navegação é composto por diversos elementos básicos. Os mais comumente usados, segundo Rosenfeld, Morville e Arango (2015, p. 176) são os sistemas de navegação embutidos que são os sistemas globais⁵, locais⁶ e contextuais⁷ que fornecem contexto e flexibilidade ao usuário ajudando-os a saber onde estão e para onde vão durante a navegação. Há também os sistemas de navegação suplementar, como mapa de *sites*, índices e guias, que fornecem ao usuário diferentes formas de acesso para a mesma informação. A busca também é um sistema de navegação suplementar, sendo inclusive a ferramenta preferida dos usuários (ROSENFELD; MORVILLE; ARANGO, 2015, p. 201).

Já o sistema de busca “é um mecanismo para encontrar informações” (ROSENFELD; MORVILLE; ARANGO, 2015, p. 266, tradução nossa). Sendo importante a escolha de qual informação será indexada, o tipo de algoritmo de busca que será utilizado e como o resultado da busca será apresentado ao usuário no ambiente informacional, esses fatores compõem a interface de busca.

É no entrelaçamento destes quatro sistemas que a AI se define e desenvolve-se. Se adequadamente elaborada e definida, permite uma melhor encontrabilidade da informação, experiência do usuário na utilização dos sistemas de informação e as informações disponíveis sejam utilizadas para tomada de decisões (ESPANTOSO, 2000, p. 136). No ambiente digital, especialmente em ambientes de comércio eletrônico, os custos de não se encontrar uma informação são altos, da mesma forma a manutenção dos aplicativos e *sites*, por este motivo

a AI é importante não apenas para a diminuição de custos, mas também para a melhoria e o aumento de qualidade no nível estratégico, tático e operacional da organização, auxiliando nas tomadas de decisão, na identificação de falhas, bem como na projeção de posicionamentos

⁵ Está presente em todas as páginas do site, geralmente na forma de uma barra de navegação no topo da página, fornecendo acesso direto às áreas e funções-chave, como por exemplo, *link* para a página inicial (ROSENFELD; MORVILLE; ARANGO, 2015, p. 183).

⁶ Complementam os sistemas globais, permitindo que o usuário explore a área imediata onde está, como por exemplo, menu secundário (ROSENFELD; MORVILLE; ARANGO, 2015, p. 188)

⁷ Ocorre no contexto do conteúdo que está sendo apresentado no ambiente e suporta aprendizado associativo, permitindo que o usuário explore as relações entre os itens, como por exemplo, o “ver também” (ROSENFELD; MORVILLE; ARANGO, 2015, p. 208).

estratégicos para manter vantagem competitiva e mudança cultural (CAMARGO; VIDOTTI, 2011, p. 858).

Para operacionalizar os sistemas citados, instrumentos como tesauro, vocabulário controlado e metadados são utilizados. Nesta linha, é no bojo do desenvolvimento, gerenciamento e tratamento destes componentes que a AI se entrelaça com a Biblioteconomia e encontra terreno fértil para o desenvolvimento de práticas compartilhadas conforme veremos na seção a seguir.

3.2 Arquitetura da Informação e a formação em Biblioteconomia

No desenvolvimento de suas práticas e técnicas, a Biblioteconomia tem desenvolvido métodos de organização, classificação e indexação da informação. Contudo, se anteriormente o elemento norteador era a preservação da informação para o futuro, na contemporaneidade a experiência do usuário no acesso e uso desta informação adquiriu ainda mais importância (ESPANTOSO, 2000).

Outrossim, o bibliotecário adquiriu novos espaços de trabalho, novos fazeres e por conseguinte, desafios profissionais. Suas habilidades e práticas de gerenciamento informacional adquirem destaque nos ambientes, inclusive como elemento de competitividade organizacional.

À guisa de exemplo Teixeira e Valentim (2012), argumentam que no contexto de um site, independentemente de sua finalidade, há necessidade de uma arquitetura bem-feita de modo que proporcione ao usuário uma boa experiência ao utilizar seu produto e que forneça ao gestor do ambiente informacional acesso a dados e informações que o auxiliem na construção de estratégias e tomada de decisões para sua organização.

Segundo o Classificação Brasileira de Ocupações (CBO) cabe a este profissional as atividades de disponibilizar informação em qualquer suporte, gerenciar unidades, redes e sistemas de informação, disseminar a informação com objetivo de facilitar o acesso e gerar conhecimento, entre outros (BRASIL, c2017). Tais atividades originam tipificações profissionais como o arquiteto da informação.

Para Rosenfeld e Morville (2006, p. 42) o arquiteto da informação é o profissional “que tem como missão organizar e facilitar o acesso a repositórios informacionais”. Camargo e Vidotti (2011, p. 799) indicam que há sete atividades

principais que um arquiteto da informação executa, são elas: organizar, navegar, nomear, buscar, pesquisar, projetar e mapear. Citando Lima-Marques e Macedo (2006) as mesmas autoras indicam que

[...] um arquiteto da informação deve ser hábil em desenvolver estruturas de informação direcionadas a contextos específicos; descrever o conteúdo e as facilidades de interação entre sistemas de comunicação mediados por computadores; definir a organização, navegação, rotulação e sistemas de busca; aplicar princípios de desenhos interativos centrados no usuário para desenvolvimento de processos; definir parâmetros de usabilidade e adequação em seu contexto-alvo; planificar mudanças e crescimento; bem como compreender social e culturalmente efeitos do sistema de informação e sua implementação (LIMA-MARQUES; MACEDO, 2006 apud CAMARGO; VIDOTTI, 2011, p. 816).

Em síntese, Camargo e Vidotti (2011, p. 764) definem as atividades do arquiteto da informação como:

[...] projetar ambientes informacionais digitais, abordando tratamento funcional, estrutural, informacional, navegacional e visual do ambiente a fim de organizar, estruturar e representar os objetos de conteúdo". Acrescentam ainda que "a Biblioteconomia e a Ciência da Informação podem ser consideradas áreas-chave para a AI, pois possuem o embasamento teórico e prático para o tratamento semântico e temático dos conteúdos.

Para Espantoso (2000), a habilidade do bibliotecário de estudo de usos e comunidades, pensando no uso e acesso da informação, coadunam com os princípios norteadores da AI. Assim como a lógica de navegação, fundamental em AI, também é uma prática do bibliotecário questionar-se como o usuário navegará pelas informações, assim como o mesmo buscaria por elas, o que leva a outra habilidade do bibliotecário relacionada com AI, a de pesquisa. E por fim a habilidade de seleção do bibliotecário, ao filtrar o que é relevante para o usuário para não o expor a uma sobrecarga de informação, está diretamente relacionada aos fundamentos de AI.

Para Nonato, Borges, Maculan e Lima (2008, p. 129) o bibliotecário atuante na AI pode utilizar-se dos conhecimentos sobre classificação e taxonomia para organizar os itens de um *site* de acordo com as características dos usuários, das técnicas de indexação de assuntos, tais como análise de conteúdo e termos de indexação, para a rotulagem. Já instrumentos como tesauro e vocabulários

controlados, associados à indexação são excelentes ferramentas para busca e recuperação da informação:

[...] o tesouro tem papel relevante num sistema de recuperação porque possibilita determinar quais os termos do sistema de busca de um website; quais os termos possíveis de serem usados na busca; e permitir a inserção de novos termos em sua estrutura, sempre que isso se fizer necessário, aproximando a linguagem do usuário à utilizado no sistema (MOREIRA, 2004 *apud* NONATO; BORGES; MACULAN; LIMA, 2008, p. 135).

As técnicas de construção de índices remissivos do tipo “ver” e “ver também” utilizados pela Biblioteconomia para associação a outros materiais como recomendação de conteúdo complementar ao usuário, é um dos recursos aplicáveis aos ambientes digitais para a navegação do usuário dentro do mesmo espaço digital (NONATO; BORGES; MACULAN; LIMA, 2008, p. 135). O estudo de usuários, um dos cerne da Biblioteconomia, cujo objetivo é identificar o público-alvo e as características dos usuários, também é fundamental para a AI no desenvolvimento de toda a estrutura de organização de modo que atenda às necessidades dos usuários e proporcione a melhor experiência possível (NONATO; BORGES; MACULAN; LIMA, 2008, p. 138).

Para Espantoso (2000, p. 6) a contribuição que o bibliotecário fornece para a AI “gravita em torno do conhecimento dos princípios de seleção, pesquisa, catalogação e classificação”. Contudo, o autor adverte que embora haja uma base teórica e prática que relacione os campos é necessário que o bibliotecário mantenha invista em atividades de formação continuada, sobretudo no que tange às habilidades de utilização das novas tecnologias da informação.

As práticas decorrem de espaços e contextos e nelas são desenvolvidas atividades. Uma parte envolve os serviços que os bibliotecários oferecem aos seus utentes e na retaguarda existe um *script*, ou seja, um conjunto de ações – entre elas a do aprendizado – que permite que os bibliotecários desenvolvam suas atividades.

Essas atividades têm seu repositório específico e, dessa forma, é somente no âmbito do contexto que é possível compreender as diversas facetas que estes fenômenos podem desenvolver. Por exemplo, o processo de indexação envolve um conjunto de conhecimentos e competências que podem ser ensinadas em Escolas de Biblioteconomia que oferecem formação generalista e aplicadas em distintos ambientes informacionais. Entretanto, a indexação orientada à um e-

commerce, que é uma prática especializada de indexação, demanda que novas aprendizagens sejam desenvolvidas. Outrossim, é possível sugerir que as práticas desses profissionais desenvolvem uma produção de conhecimento, situada e orientada ao contexto de sua produção.

Sobre isso Rosa (2001) aborda o papel da universidade na formação profissional quando diz que:

Adequar o aluno às especificidades das tarefas que terá que cumprir como profissional não é propriamente obrigação da universidade, pois cabe a ela promover reflexão sobre as práticas de modo geral. Mas cabe também a ela proporcionar aos alunos situações de experiências com o uso das técnicas (ROSA, 2001, p. 11).

Ao analisarmos os projetos pedagógicos e currículos dos cursos de Biblioteconomia praticados nas escolas de Biblioteconomia brasileiras verifica-se que ainda há uma ênfase para a atuação em bibliotecas físicas (PRUDENCIO; BIOLCHINI, 2018). Poucos currículos das universidades têm disciplinas que tratam da tecnologia durante a formação. Na visão de Rosa (2001, p. 12) o currículo “deve nascer da necessidade de responder aos problemas práticos da sociedade”.

Nesse sentido, nossa pesquisa alerta e compreende que nenhum currículo dará conta de cobrir todos os ambientes possíveis de aplicação da prática biblioteconômica, contudo, entendemos que as escolas precisam oferecer os arcabouços teóricos e práticos, bem como estimular a prática de estágio e outras ações formativas em ambientes variados, de modo que o discente não saia da universidade sem conhecer os ambientes em que pode atuar.

Para Pinto, Rabelo, Girão e Raulino Neto (2015, p. 19), “nesse novo ambiente da AI as competências exclusivas desses domínios precisam ter relação com os programas curriculares e os saberes disciplinares”. Ou seja, embora os conhecimentos técnicos do bibliotecário sejam perfeitamente aplicáveis na prática do arquiteto da informação, falta ao profissional a compreensão da relevância funcional de seus saberes (ZABALA; ARNAU, 2010).

Zabala e Arnau (2010) apresentam que, em geral, as escolas ficam alicerçadas numa perspectiva conteudista e que pouco privilegia a experiência da aprendizagem. Os autores argumentam e propõem o deslocamento da ênfase da instrução para a experiência da aprendizagem. Em síntese, orienta-se pela perspectiva do aprender a aprender.

Neste contexto, observa-se que o bacharelado em Biblioteconomia tem dificuldade de desenvolver abstração da prática, de modo a compreender que os processos de representação temática são aplicáveis ao ambiente *web* sob o termo de rotulagem. É frequente a ideia de que é preciso conhecer e saber operar ferramentas para deter uma competência:

As oportunidades de experiências precisam ser ampliadas para que o aluno tenha uma formação profissional consciente e adequada à realidade regional e brasileira. Por isso mesmo não devemos contemplar um currículo unidirecional como o atualmente em vigor, que se dirige ao tradicional mercado de trabalho (ROSA, 2001, p. 10).

Não se trata de transformar o profissional de informação em profissional de tecnologia nem tampouco o contrário. O que é esperado sob o prisma da transdisciplinaridade é que as práticas existentes no contexto de informação em tecnologia articulem múltiplos saberes, habilidades, competências procedimentais⁸, atitudinais⁹, gerais¹⁰ e específicas¹¹, bem como reúna equipes de trabalhos e redes com vistas a contribuir com a melhor tomada de decisão em relação ao sistema, área ou necessidade contextualizada no campo.

Os princípios teóricos da Biblioteconomia poderiam ser mais amplamente explorados do que o são atualmente. Pois, “hoje a informação adquiriu um caráter prático onde todos intelectuais ou não, dela dependem para sua sobrevivência diária” (CÔRTE, 2000, p. 2). Já em 2000, Côrte assinalava a importância da informação na vida cotidiana, não se tratando mais de um privilégio e hoje, 21 anos depois, observa-se que de fato o uso e o acesso à informação se tornaram um item essencial do dia a dia. O suporte que contém a informação mudou e muda continuamente com o surgimento e invenções de novas tecnologias. O fluxo, o uso e a forma de acesso à informação também

⁸ Tipo de conteúdo de aprendizagem prático que consiste em processos ou ações cuja aprendizagem requer um modelo prévio e uma exercitação posterior. (ZABALA; ARNAU, 2010, p. 190).

⁹ Tipo de conteúdo de aprendizagem que se enquadra na forma de ser da pessoa e cuja aprendizagem requer a experientiação de situações nas quais se deva agir de forma real para solucioná-las (ZABALA; ARNAU, 2010, p. 190).

¹⁰ Aquelas que atendem diferentes perspectivas de fazeres biblioteconômicos que circundam as práticas de trabalho (PRUDENCIO, 2015).

¹¹ [...] intervenção eficaz diante de uma situação problema por meio de ações nas quais se mobilizem, ao mesmo tempo e de maneira inter-relacionada, componentes atitudinais, procedimentais e conceituais (ZABALA; ARNAU, 2010, p. 36).

mudaram, o bibliotecário não pode ser formado como se a informação ainda estivesse apenas em papel. Com essas mudanças, a universidade, diante de seu papel de agente formador, se impõe “como um caminho institucional para contemplar a sociedade com recursos humanos que atuem nesta zona de interesse” (CRUZ; SILVA; BUFREM; SOBRAL, 2017, p. 152), partindo da premissa de que “os modelos formativos atuais na área de informação têm se demonstrado insuficientes para suprir a grande complexidade relativa aos contextos informacionais” (CRUZ; SILVA; BUFREM; SOBRAL, 2017, p. 152).

Podemos relacionar essa reformulação da experiência com a melhoria da competência. Competência admitida nos moldes já citados anteriormente, ou dito de outra maneira, uma concepção alternativa que supera as dicotomias memorizar/compreender, conhecimentos/habilidades e teoria/prática (ZABALA; ARNAU, 2010, p. 49).

Dessa forma, o processo de aprendizagem pela experiência manifesta-se em diferentes formatos e, conseqüentemente, recebe nomenclaturas variadas, tais como aprendizagem de ação, estudos de campo, estágios, programas de estudo no exterior, experiências de campo, entre outros (SPACKMAN, 2016).

Portanto, nossa pesquisa entende que o bibliotecário poderia estar melhor preparado para atuação no campo da Arquitetura da Informação, se o ensino em Biblioteconomia se orientasse pelas três perspectivas de Zabala e Arnau (2010).

Há uma crise das concepções de ensino e aprendizagem tanto na sua estrutura quanto no seu conteúdo. Portanto, a compreensão de que quem sabe “já sabe fazer e sabe ser” é inaceitável. Há de haver uma conexão entre teoria e prática; Existe uma pressão social sobre a funcionalidade da aprendizagem; Importa a função social do ensino (ZABALA; ARNAU, 2010, adaptado).

Sendo assim, a trilha de aprendizagem¹² dos bibliotecários, independentemente da abordagem teórica adotada, deve permitir que estes sejam capazes de aplicar os conhecimentos, habilidades e atitudes a situações e igualmente sejam capazes de solucionar problemas informacionais reais, independentemente do local onde aconteçam. Da mesma forma, esta aprendizagem deve ser útil ao desenvolvimento do sistema de sociedade e à evolução das práticas e teorias da interlocução entre Biblioteconomia e Tecnologia. O desafio do bibliotecário é

¹² “tipo de aprendizagem situado sócio-historicamente, culturalmente, e produzido nas práticas” (PRUDENCIO, 2019, p. 30).

permanecer inserido no ciclo informacional, pois “os processos de geração, seleção, aquisição, análise, tratamento, armazenamento e difusão da informação existem e continuarão existindo sob qualquer modalidade ou inovação tecnológica” (CÔRTE, 2000, p. 4).

Evidentemente que não ignoramos a importância da formação continuada e neste sentido, defendemos que a atuação profissional em ambientes de tecnologias necessita de aprendizado contínuo, pois são setores em constantes mudanças devido às atualizações quanto às novas ferramentas e tecnologias disponíveis. Como Côrte (2000, p. 12) bem disse, “entender e compreender os cenários e o ambiente em que acontece a informação, onde os conhecimentos são gerados, são habilidades cada vez mais necessárias aos bibliotecários”. Essa habilidade deveria, portanto, começar a ser desenvolvida ainda na graduação do bibliotecário, como por exemplo por meio de ofertas de disciplinas optativas voltadas para nichos de atuação do bibliotecário fora das bibliotecas tradicionais, como na área da Arquitetura da Informação. Em uma disciplina assim, poderiam ser abordados os sistemas de AI relacionados aos conhecimentos técnicos da Biblioteconomia, assim o estudante teria uma visão ampla das possibilidades da aplicação prática dos seus conhecimentos fora da biblioteca física, expandindo seus horizontes. Pois de acordo com Rosa (2001, p. 4), “os saberes, que as pessoas identificam em seu cotidiano, provém não apenas do conhecimento sistematizado, como também aqueles presentes nas ‘práticas informacionais’.”

Outra habilidade a ser trabalhada no bibliotecário ainda na formação, é o de trabalhar em parceria com outros profissionais cujo objeto de trabalho é a informação. De acordo com Cruz, Silva, Bufrem e Sobral (2017):

[...] a empregabilidade está relacionada à qualificação pessoal; as competências técnicas deverão estar associadas à capacidade de decisão, de adaptação a novas situações, de comunicação oral e escrita, de trabalho em equipe (CRUZ; SILVA; BUFREM; SOBRAL, 2017, p. 157).

As equipes multidisciplinares são comuns nos campos da tecnologia, os conhecimentos das formações profissionais de cada indivíduo enriquecem o processo criativo. São áreas que exigem “saber trabalhar aspectos interdisciplinares e, ao mesmo tempo, habilidades para as situações mais diversas possíveis” (PINTO; RABELO; GIRÃO; RAULINO NETO, 2015, p. 19), por isso “[...] o mercado está a exigir profissionais mais flexíveis, dinâmicos, ágeis, criativos e que consigam trabalhar com equipes multidisciplinares” (CÔRTE,

2000, p. 13). Os bibliotecários que pretendem atuar nessa área, necessitam também “ter conhecimento do impacto organizacional e societário da tecnologia, *design* gráfico, de desenvolvimento de sistemas, ergonomia em páginas *web*, dentre muitas outras habilidades” (PINTO; RABELO; GIRÃO; RAULINO NETO, 2015, p. 26).

Sob este aspecto, a aprendizagem deve articular as seguintes dimensões: pessoal, interpessoal, social e profissional. Distintos ambientes e situações demandam combinações destas dimensões. Nossa pesquisa, contudo, entende que o ambiente de trabalho é o mais complexo e que opera associando todas num mesmo contexto, portanto, é onde se revelam práticas que precisam ser estudadas e socializadas com a universidade e as comunidades de profissionais.

3.3 Arquitetura da Informação e práticas informacionais

Partimos da premissa de que é possível identificar as práticas informacionais típicas de uma categoria profissional, como a abordada neste trabalho, considerando-se que o termo prática remete justamente a uma dimensão coletiva, um movimento “por meio do qual os sujeitos agem no mundo e, como causa e também consequência dessa ação, constroem esse mesmo mundo” (ARAÚJO, 2017, p. 220), ou seja, uma forma social de fazer alguma coisa, no caso em tela, arquitetar a informação em ambientes digitais. Onde,

[...] a relação do sujeito com o mundo é sempre uma relação mediada por outras pessoas. Ele apreende a realidade e a representa de acordo com referenciais que são construídos coletivamente, mas que são redefinidos de acordo com a subjetividade de cada um (ROCHA; GANDRA, 2018, p. 570).

Assim, há uma forma de lidar com a informação na Biblioteconomia, assim como outra forma distinta de lidar com a informação na Tecnologia da Informação, por exemplo. Da mesma maneira, a representação temática para o bibliotecário, será a rotulagem para o arquiteto da informação. Na visão de Rocha e Gandra (2018), trata-se do processo dialético entre o indivíduo e a realidade em que está inserido, onde “os sujeitos podem se posicionar de diferentes modos diante dessa realidade que a eles se apresenta, o que acarreta na criação de discursos e visões de mundo que se confrontam ou convergem” (ROCHA; GANDRA, 2018, p. 571).

Rivera e Cox (2014) indicam que os aspectos coletivos e materiais do contexto da prática têm efeitos e modificam a própria prática da informação. No mesmo sentido, as práticas informacionais são incorporadas ao processo de trabalho e este se manifesta em práticas sociais inseridas em uma comunidade de praticantes que detém práticas sociotécnicas. Igualmente, o processo de produção e uso da informação pelos sujeitos informacionais, bem como seu aprendizado, afeta os fluxos informacionais que acontecem neste e moldam as práticas informacionais que se desenvolvem. Aliás, é na ocorrência e ressignificação dessas práticas que a ação profissional de muitas categorias se manifesta, principalmente por operar como elemento integrador dos conhecimentos técnicos necessários à recuperação da informação e à dimensão sociocultural da busca, bem como ao compartilhamento e uso da informação.

Sendo assim, investigamos as práticas de trabalho que são informacionais no contexto da Biblioteconomia na AI, como também verificamos em campo como a aprendizagem contribui para que essas dimensões sejam efetivamente "acionadas" pelos profissionais. Nesta perspectiva, na seção a seguir apresentamos os achados de nossa pesquisa, que em algum nível, revelam as práticas informacionais desenvolvidas pelos respondentes.

4 Resultados e discussão

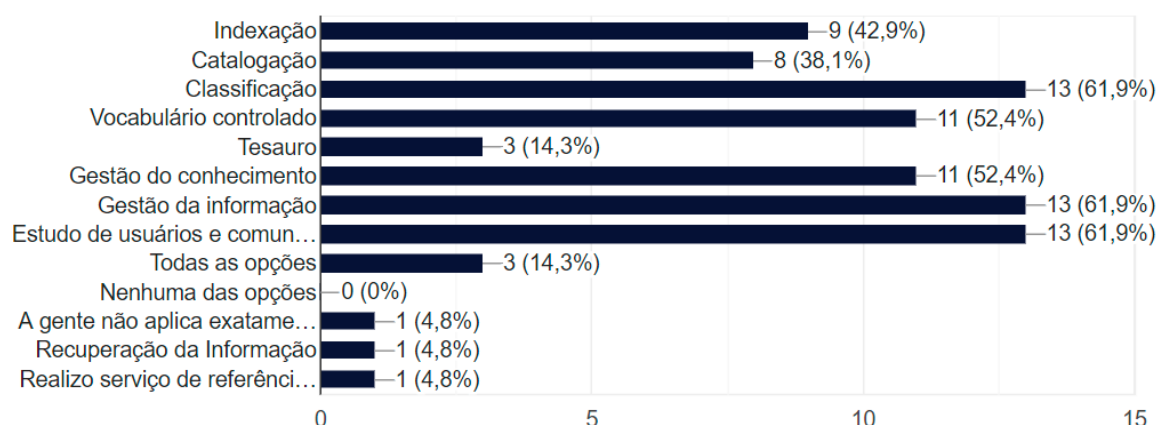
Para traçar um perfil que pudesse distinguir, de alguma forma, os respondentes, sem comprometer seu direito de preservação de identidade, escolhemos evidenciar como característica particular seu nível de escolaridade. Os resultados a resultado indicam que 77,3% dos bibliotecários participantes que trabalham na área de Arquitetura da Informação possuem somente graduação e 22,7% declararam possuir alguma pós-graduação (como MBA e mestrado).

Em relação a como tiveram conhecimento sobre a área da Arquitetura da Informação, os respondentes afirmaram que ocorreu na graduação (77,3%) ou na pós-graduação (9,1%) por meio das aulas ou palestras realizadas no ambiente acadêmico, outros por meio dos estágios realizados (4,5%) ou buscando na *internet* (9,1%) sobre campos de atuação do bibliotecário para além das bibliotecas. Ao serem indagados se tiveram alguma disciplina sobre AI durante sua graduação, 59,1% responderam positivamente e 31,8% responderam que não, 9,1% responderam que não tiveram disciplinas inteiras, mas que o tema esteve presente em disciplinas relacionadas. Entre as disciplinas mencionadas que apresentaram o campo da Arquitetura da Informação em perspectiva

multidisciplinar foram mencionadas: Organização e Desenvolvimento de Coleções, Catalogação e Indexação.

No que se refere à aplicação dos conhecimentos de sua formação acadêmica em Biblioteconomia nas atividades diárias do seu trabalho na área de AI, 95,5% dos respondentes assinalaram positivamente, sendo que 50% afirmaram aplicá-los eventualmente e 45,5% diariamente. Dos conhecimentos mais aplicados, classificação (61,9%), gestão da informação (61,9%) e estudo de usuários e comunidade (61,9%) foram os mais selecionados pelos respondentes, seguidos pelo vocabulário controlado (52,4%) e gestão do conhecimento (52,4%), como visto abaixo, no gráfico 2.

Gráfico 1 - Seleção dos conhecimentos da Biblioteconomia aplicados



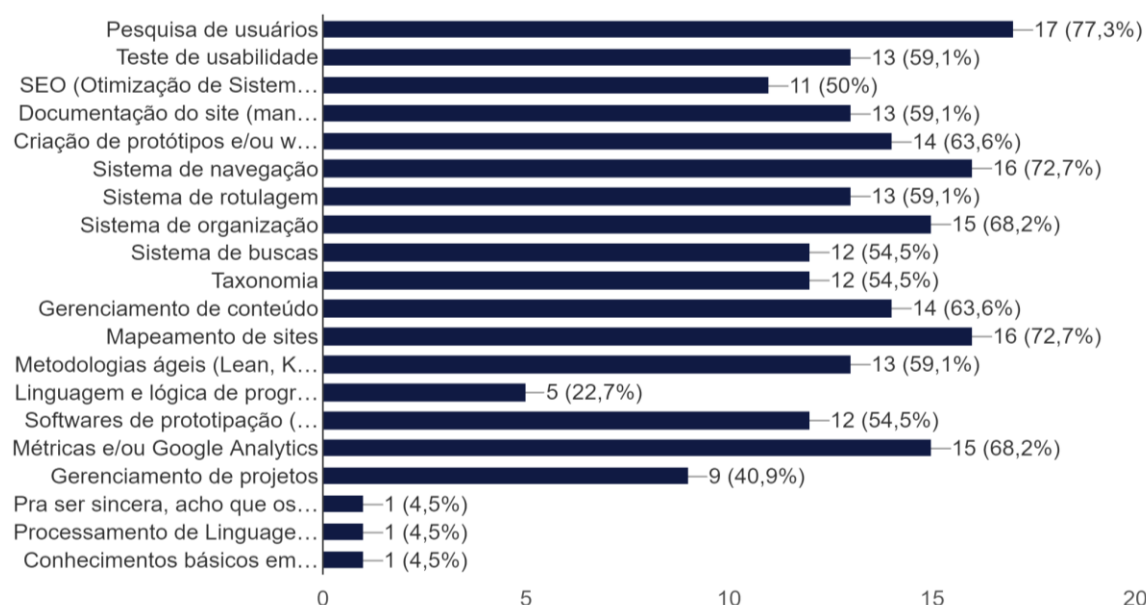
Fonte: Elaborado pelas autoras (2021).

Quando questionados se necessitaram de cursos complementares e/ou de especialização para ingressar no mercado de AI, 86,4% responderam de forma positiva. Sendo o curso de *User Experience* (UX) o mais citado. Cumpre informar que alguns respondentes especificaram que realizaram um curso genérico de Arquitetura da Informação, englobando diversos tópicos e vertentes desta grande área, tal como *Design* de Interfaces, Sistemas de Recomendação entre outros tópicos.

Os dados revelados neste tópico de investigação sugerem que a atuação biblioteconômica no campo da tecnologia exige processos educacionais permanentes, tanto na área técnica quanto na gerencial, visto que a qualidade dos serviços de tecnologia e seu contínuo aperfeiçoamento são essenciais para as respostas ao atendimento de demandas dos clientes.

Quanto às habilidades e conhecimentos necessários para exercer as atividades de AI (Gráfico 2), os itens mais citados foram: 77,3 % responderam pesquisas de usuários, seguidos de sistemas de navegação (72,7%) e mapeamento de sites (72,7%).

Gráfico 2 - Habilidades e conhecimentos necessários na AI

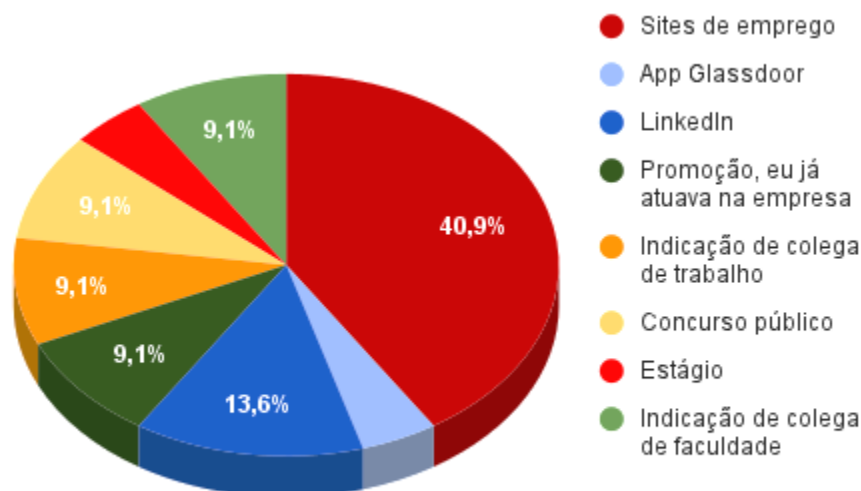


Fonte: Elaborado pela autora (2021).

Foi questionado se os participantes conheciam outros bibliotecários que atuassem na área, 86,4% responderam positivamente. O significativo número de profissionais atuando no campo da tecnologia sugere que a AI tem impactado o desenvolvimento empírico da área, a empregabilidade de bibliotecários e, por fim, a visibilidade do profissional de informação em uma área tão estratégica para a sociedade como a da Tecnologia da Informação.

Ao serem indagados sobre como ingressaram no atual emprego (Gráfico 3), 40,9% responderam que foi por meio de *sites* de emprego, seguido pela rede social *LinkedIn* (13,6%).

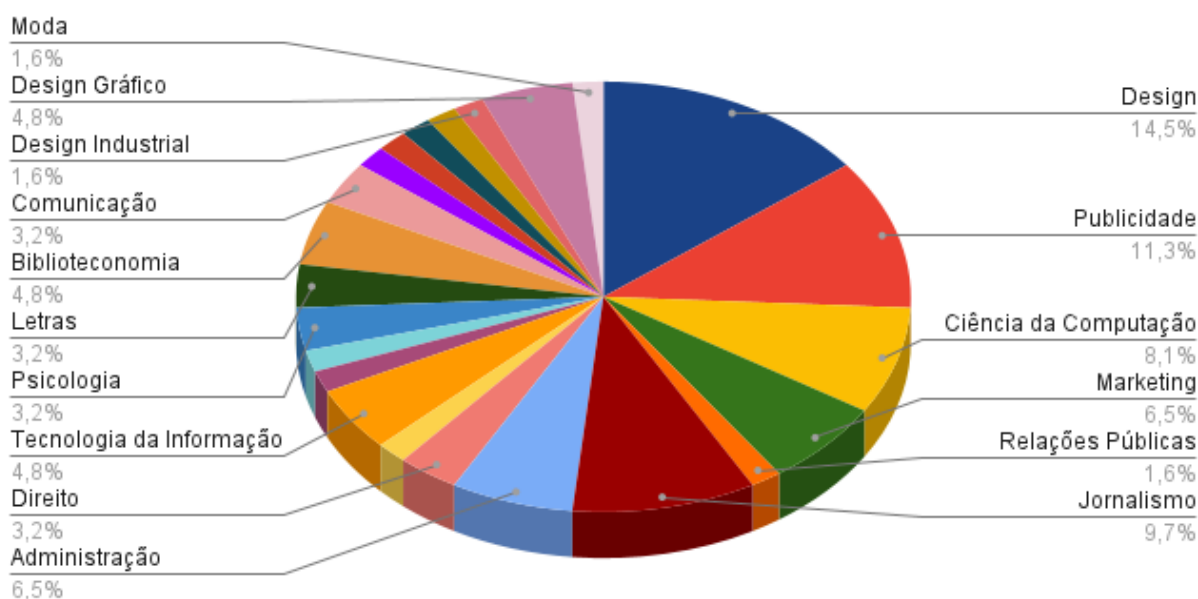
Gráfico 3 - Formas de ingresso no mercado de trabalho



Fonte: Elaborado pelas autoras (2021).

Também questionamos a formação da equipe de trabalho dos pesquisados, partindo do princípio de se tratar de uma área multidisciplinar e de acordo com as respostas confirmamos essa multidisciplinaridade (Gráfico 3), pois além da Biblioteconomia, há profissionais de *Design*, Jornalismo, Ciência da computação, Tecnologia da Informação, *Marketing*, Publicidade, Comunicação, Letras, Engenharia, Administração, Psicologia, entre outras.

Gráfico 4 - Multidisciplinaridade da área de AI

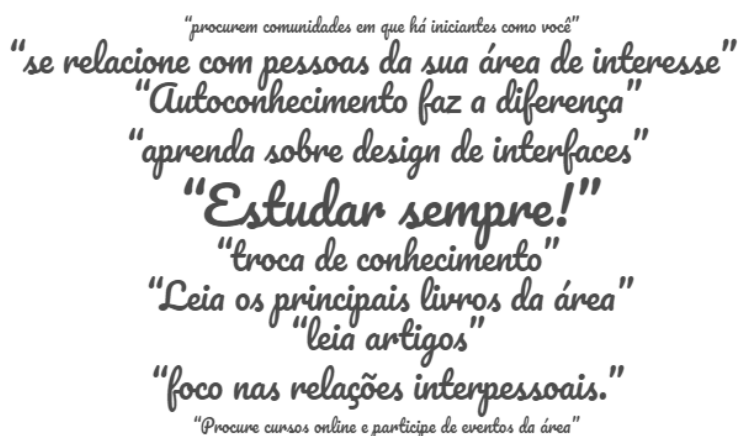


Fonte: Elaborado pelas autoras (2021).

A diversidade também é apresentada na nomenclatura dos cargos que ocupam. Neste sentido, ocorreu indicações como: *UX Designer*, *UX/UI Designer*, *Arquiteta da Informação*, *Senior Product Designer*, *Product Designer*, *Analista UX/UI*, *Analista de Inteligência Conversacional*, *Analista de Qualidade da Informação*, *Especialista em informação*, *Especialista em usabilidade*, entre outros.

Reconhecendo que a atuação na área de AI revela práticas informacionais sociais da comunidade de praticantes, solicitamos que os respondentes sugerissem dicas para os iniciantes na área ou para aqueles que nela desejam atuar. Nesse sentido, parece haver consenso sobre a formação continuada. Sendo esta manifestada em leitura de obras e relatórios de referência na área, estudo sobre *design* de interfaces, uso de *softwares* e a construção de *networking* com profissionais já atuantes. A seguir, na Figura 6, sintetizamos em uma nuvem de tags as sugestões mais recorrentes.

Figura 6 - Nuvem de tags



Fonte: Elaborado pelas autoras (2021).

Analisando o plano geral de respostas dos participantes, verifica-se que há maior concentração em atividades de socialização de práticas e saberes e que envolvam a autoaprendizagem.

No que tange a autoaprendizagem, algumas plataformas foram recomendadas pelos respondentes tais como: *Softblue*¹³, *Programaria*¹⁴, *Digital Innovation One*¹⁵, *FGV online*¹⁶ e *Conquer*¹⁷.

Já a ideia de socialização de saberes e práticas revela a importância que os respondentes auferem a ideia de comunidade de prática e aprendizagem, coadunando com a visão de Nonaka e Takeuchi (1997, p. 64) que sugerem que “tanto a informação quanto o conhecimento são específicos ao contexto e relacionais na medida em que dependem da situação e são criados de forma dinâmica na interação social entre as pessoas.”

Contudo, embora haja um encorajamento ao *networking* e compartilhamento de práticas e saberes desenvolvidos no campo empírico e menção a uma possível melhoria da capacidade de entrega e resolução de problemas, não foi verificada a existência de nenhuma comunidade de prática ou rede de cooperação em que os profissionais estão inseridos.

Entendemos que essa ausência impacta a ação dos bibliotecários no campo e inclusive sua compreensão acerca da “[...] da dimensão cultural e coletiva por trás de cada uma dessas ações.” (ROCHA; GANDRA, 2018, p. 588). Ou seja, como esses bibliotecários estão produzindo um entendimento acerca da prática informacional compartilhada sobre a aplicação dos fazeres e saberes biblioteconômicos no campo da tecnologia.

Da mesma forma, é possível que esta prática social afete o processo de produção do conhecimento sobre tal aplicação, o ensino de Biblioteconomia e o reconhecimento do bibliotecário como um membro da comunidade de praticantes de AI.

¹³ Plataforma de cursos online de programação. Disponível em: <https://www.softblue.com.br>

¹⁴ Plataforma de cursos online de programação com foco em mulheres. Disponível em: <https://www.programaria.org/>

¹⁵ Plataforma de cursos online de programação. Disponível em: <https://digitalinnovation.one/>

¹⁶ Plataforma de cursos online. Disponível em: <https://educacao-executiva.fgv.br/cursos/online>

¹⁷ Plataforma de cursos online. Disponível em: <https://escolaconquer.com.br/>

5 Considerações finais

O crescimento da área de tecnologia revela profícuos nichos de mercado para a atuação dos bibliotecários. Entretanto, o gozo da empregabilidade depende de contínuos esforços e compromisso com a formação continuada. Outrossim, com a participação nas comunidades de prática da área.

Este trabalho buscou identificar as práticas informacionais dos profissionais atuantes na área de AI e cuja formação seja Biblioteconomia. Neste sentido, entendemos que cumprimos nosso objetivo ao apresentá-las na seção 4. Ao mesmo tempo, ainda que com brevidade, apresentamos as trilhas percorridas por esses profissionais para se inserir nesse nicho de mercado não tão evidente para os bibliotecários, cuja formação ainda está focada no tratamento dos acervos físicos e bibliotecas tradicionais. Trilha esta que pode servir de orientação e inspiração para os estudantes e profissionais da Biblioteconomia percorrerem.

A convergência das competências e habilidades da prática profissional do arquiteto da informação com as do bibliotecário foram aqui expostas por meio da literatura examinada e discutida, bem como, através da pesquisa de campo com os profissionais atuantes na área.

A importância do compartilhamento e socialização de práticas e saberes destes profissionais com seus pares e com profissionais de outras formações confirma o que Lloyd (2011, p. 285, tradução nossa) chama de “arranjos de um campo e mediadas socialmente e materialmente com o objetivo de produzir entendimento comum e mútuo acordo sobre as formas de saber e fazer numa comunidade, revelando as práticas informacionais [...]”.

Essa trama complexa de elementos, influenciam, facilitam e dificultam o reconhecimento, pertencimento, atuação e práticas desses profissionais.

A pesquisa em tela reconhece que as práticas informacionais na área de AI têm seu repositório específico e, dessa forma, é somente no âmbito do contexto que é possível compreender as diversas facetas que estes fenômenos podem desenvolver. Outrossim, é possível sugerir que as práticas desses profissionais desenvolvem uma produção de conhecimento, situada e orientada ao contexto de sua produção. Entretanto, isso não apaga a importância de reformas no ensino de Biblioteconomia, permitindo ao fruto egresso uma melhor preparação para atuação em áreas como a de tecnologia, tal como sugere Semeler (2017).

Seguindo esta linha de pensamento, afiançamos que os bibliotecários devem experimentar práticas de aprendizagem extra biblioteca, ou seja, devem assumir que as portais, *e-commerce* entre outros espaços, são ambientes informacionais e seu lançamento ao campo pode subsidiar processos de aprendizagem mais efetivos e que consequentemente aumentam sua competência e capacidade de resolução de problemas reais. Evidentemente, não ignoramos que a recepção da comunidade aliada influencia esse processo, mas é preciso avançar, arriscar-se; inclusive acreditamos que num potencial cenário de crise onde diminuam as oportunidades de trabalho, ter vivenciado estas experiências situadas e que criam relacionamentos com outros profissionais pode propiciar o desenvolvimento de novos papéis e colaborar na progressão de carreira.

Nossa intenção foi contribuir com o debate acerca da atuação e aprendizagem dos bibliotecários que atuam com AI, de modo a encorajá-los e aos futuros profissionais a atuar de maneira mais ativa, empreendedora e inovadora nas práticas informacionais ocorridas na área. Ao mesmo tempo, esse recurso poderá ser explorado em pesquisas futuras por toda a comunidade acadêmica.

Referências

ARAÚJO, Carlos Alberto Ávila. O que são práticas informacionais? **Revista Informação em Pauta**, Fortaleza, v. 2, n. esp., p. 217-236, out. 2017. Disponível em: http://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/28421/1/2017_art_caaaraujo.pdf. Acesso em: 15 set. 2021.

BRASIL. **Classificação Brasileira de Ocupações**. [S. l.], c2017. Disponível em: <http://www.mtecbo.gov.br/cbsite/pages/pesquisas/BuscaPorTituloResultado.jsf>. Acesso em: 16 jul. 2021.

CAMARGO, Liriane Soares de Araújo de; VIDOTTI, Silvana Aparecida Borseti Gregório. **Arquitetura da informação**: uma abordagem prática para o tratamento de conteúdo e interface em ambientes informacionais digitais. Rio de Janeiro: LTC, 2011.

CÔRTE, Adelaide Ramos e. A Biblioteconomia frente às inovações tecnológicas. **Ensaio APB**, São Paulo, n. 85, dez. 2000. Disponível em: https://abecin.org.br/wp-content/uploads/2021/03/Ensaio_APB_n_85.pdf. Acesso em: 29 ago. 2021.

CRUZ, Tatyane Lucia; SILVA, Fábio Mascarenhas e; BUFREM, Leila Santiago; SOBRAL, Natanael Vitor. O perfil do gestor da informação: um estudo a partir dos egressos do curso de gestão da informação da UFPE. **Informação & Informação**, Londrina, v. 22, n. 1, p. 150-184, jan./abr. 2017. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/download/46360>. Acesso em: 11 set. 2021.

ESPANTOSO, José Juan Péon. O arquiteto da informação e o bibliotecário do futuro. **Revista de Biblioteconomia de Brasília**, v. 23-24, n. 2, p. 135-146, 2000. Disponível em: <https://www.brapci.inf.br/index.php/article/download/8279>. Acesso em: 9 jun. 2021.

LLOYD, Annemaree. Trapped between a rock and a hard place: what counts as information literacy in the workplace and how is it conceptualized? **Library Trends**, Champaign, IL, v. 60, n. 2, p. 277-296, 2011. Disponível em: <https://www.ideals.illinois.edu/handle/2142/31879>. Acesso em: 20 set. 2021.

NAVES, Madalena Martins Lopes. Estudo de fatores interferentes no processo de análise de assunto. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v. 6, n. 2, p. 189-203, jul./dez. 2001. Disponível em: <http://portaldeperiodicos.eci.ufmg.br/index.php/pci/article/view/428>. Acesso em: 1 abr. 2021.

NONAKA, Ikujiro; TAKEUCHI, Hirotaka. **Criação de conhecimento na empresa**: como as empresas japonesas geram a dinâmica da inovação. Rio de Janeiro: Elsevier, 1997.

NONATO, Rafael dos Santos; BORGES, Graciane Silva Bruzinga; MACULAN, Benildes Coura; LIMA, Gercina Ângela Borém de Oliveira Lima. Arquitetura da informação em bibliotecas digitais: uma abordagem da ciência da informação e da Biblioteconomia. **Informação & Informação**, v. 13, n. 2, p. 125-141, jul./dez. 2008. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/download/44665>. Acesso em: 16 jul. 2021.

NORTE, Mariângela Braga. **Glossário de termos técnicos em Ciência da Informação**: inglês/português. São Paulo: Cultura Acadêmica; Marília: Oficina Universitária, 2010.

PINTO, Virgínia Bentes; RABELO, Camila Regina de Oliveira; GIRÃO, Igor Peixoto Torres; RAULINO NETO, Francisco Hilton Rodrigues. A percepção dos profissionais e dos estudantes de Biblioteconomia acerca da práxis do arquiteto da informação. **Revista Folha de Rosto**, v. 1, n. 2, p. 17-28, jul./dez. 2015. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/39742>. Acesso em: 29 ago. 2021.

PRUDENCIO, Dayanne da Silva. **Trilhas de aprendizagem dos bibliotecários de Ciências da Saúde à luz da aprendizagem situada**. 2019. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) – Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2019.

PRUDENCIO, Dayanne da Silva; BIOLCHINI, Jorge Calmon de Almeida. Informação e saúde nos currículos dos cursos de Biblioteconomia do Brasil. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 19., 2018, Londrina. **Anais [...]**. Londrina: Enancib, 2018. p. 6779-6799. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/153378>. Acesso em: 24 set. 2021.

ROCHA, Janicy Aparecida Pereira; GANDRA, Tatiane Kremsper. Práticas informacionais: elementos constituintes. **Informação & Informação**, Londrina, v. 23, n. 2, p. 566-595, maio/ago. 2018. Disponível em:

<http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/informacao/article/view/28857>. Acesso em: 19 fev. 2021.

ROSA, Maria Nilza Barbosa. A formação da opinião profissional em Biblioteconomia. **Ensaio APB**, São Paulo, n. 88, mar. 2001. Disponível em: https://abecin.org.br/wp-content/uploads/2021/03/Ensaio-APB_n-88.pdf. Acesso em: 29 ago. 2021.

ROSENFELD, Louis; MORVILLE, Peter. **Information architecture for World Wide Web**. 3. ed. Sebastopol: O'Reilly, 2006.

ROSENFELD, Louis; MORVILLE, Peter; ARANGO, Jorge. **Information Architecture: for the Web and Beyond**. 4. ed. EUA: O'Reilly Media, 2015. *E-book*.

SANTOS, Raimunda Fernanda dos; SILVA, Eliane Ferreira da. O bibliotecário como arquiteto da informação: os desafios e as novas abordagens no hodierno contexto. **Múltiplos Olhares em Ciência da Informação**, [s. l.], v. 3, n. 2, 2013. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/67965>. Acesso em: 4 fev. 2021.

SEMLER, Alexandre Ribas. **Ciência da informação em contextos de e-science: bibliotecários de dados em tempos de Data Science**. 2017. Tese (doutorado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Ciências da Educação, Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, Florianópolis, 2017. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/185593>. Acesso em: 27 abr. 2022.

SILVA, Maria Amélia Teixeira da; PINHO NETO, Júlio Afonso Sá de; DIAS, Guilherme Ataíde. Arquitetura da informação para quem e para quem?: uma reflexão a partir da prática em ambientes informacionais digitais. **Encontros Bibli: Revista Eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, [s. l.], v. 18, n. 37, p. 283-302, maio/ago. 2013. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/download/47824>. Acesso em: 4 jun. 2021.

SPACKMAN, Andy. Client-based experiential learning and the librarian: Information literacy for the real world. **Journal of Business & Finance Librarianship**, [s. l.], v. 21, n. 3-4, p.258-273, nov. 2016. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/08963568.2016.1226616?journalCode=wbfl20>. Acesso em: 20 ago. 2021.

TEIXEIRA, Thiciane Mary Carvalho; VALENTIM, Marta Lígia Pomin. Estratégias para disseminação do conhecimento organizacional: o papel da arquitetura da informação. **Informação & Informação**, Londrina, v. 17, n. 3, p. 165-180, set./dez. 2012. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/download/44448>. Acesso em: 16 jul. 2021.

VALENTIM, Marta Lígia Pomin. O moderno profissional da informação: formação e perspectiva profissional. **Encontros Bibli: Revista Eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, Florianópolis, v. 5, n. 9, p. 16-28, 2000. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/download/45843>. Acesso em: 16 jul. 2021.

ZABALA, Antoni; ARNAU, Laia. **Como aprender e ensinar competências**. Porto Alegre: Artmed, 2010.

Sobre a autoria

Dayanne da Silva Prudêncio

Doutora em Ciência da Informação, pelo Programa de Ciência da Informação do Instituto Brasileiro de Informação Ciência e Tecnologia, Universidade Federal do Rio de Janeiro (IBICT/UFRJ). Mestra em Ciência da Informação, pela Universidade Federal Fluminense (UFF). Bacharela em Biblioteconomia, pela UFRJ. Docente do Departamento de Biblioteconomia da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO).

dayanne.prudencio@unirio.br

Thairine Abreu Soares

Bacharela em Biblioteconomia, pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO).

thairineabreu@gmail.com

Artigo submetido em: 13 fev. 2022.

Aceito em: 5 abr. 2022.



Esta obra está licenciada com uma Licença [Creative Commons Atribuição-NãoComercial-Compartilhalgal 4.0 Internacional](#).

UFCA UNIVERSIDADE
FEDERAL DO CARIRI

Centro de Ciências Sociais Aplicadas
Mestrado Profissional em Biblioteconomia
Revista Folha de Rosto



✉ folhaderosto@ufca.edu.br

📷 [@revistafolhaderosto](https://www.instagram.com/revistafolhaderosto)

🐦 [@revfolhaderosto](https://twitter.com/revfolhaderosto)

Este periódico é uma publicação do [Programa de Pós-Graduação em Biblioteconomia](#) da [Universidade Federal do Cariri](#) em formato digital e periodicidade quadrimestral.